

**João Carlos de Souza Gonçalves**



**PORTINARI E DRUMMOND: O DESPERTAR PARA A  
SENSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTES, A PARTIR  
DO DESENHO E DA POESIA.**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2013

**João Carlos de Souza Gonçalves**

**PORTINARI E DRUMMOND: O DESPERTAR PARA A  
SENSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTES, A PARTIR DO  
DESENHO E DA POESIA.**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Gonçalves, João Carlos de, 2013  
Portinari e Drummond: O despertar para a sensibilidade  
no ensino de Artes, a partir do desenho e da poesia: Especialização em  
Ensino de Artes Visuais / João Carlos de Souza Gonçalves. – 2013.  
32 f.

Orientadora: Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes  
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,  
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em  
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira.  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.  
Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Portinari e Drummond: O despertar para a sensibilidade no ensino de artes a partir do desenho e da poesia*, de autoria de João Carlos de Souza Gonçalves, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Melissa Etelvina Oliveira Rocha - Orientador

---

Rita Lages Rodrigues

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedico esse trabalho ao meu filho Miguel,  
com todo meu carinho e amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pelas graças recebidas todos os dias.

Agradeço aos meus familiares, em especial aos meus pais Terezinha Moreira, João Gonçalves e Ziu Moreira (meu pai de coração) pelo exemplo de honestidade, caráter e valores!

A minha esposa Ana Flávia pela ajuda, paciência e amor incondicional.

A equipe da Escola Estadual Dr. José de Grisolia, em especial aos meus alunos da Educação de Jovens e Adultos que contribuíram de forma efetiva para a construção desta pesquisa.

Aos meus professores, sou grato pelos conhecimentos adquiridos. Em especial a Álvaro Tomé, Josias Marinho e Sandra Duarte que contribuíram de forma fundamental para a construção do meu saber.

A minha professora e orientadora Melissa Etelvina Oliveira Rocha por aceitar o meu projeto, orientar e apoiar para a melhor condução deste estudo.

A Universidade Federal de Minas Gerais, em especial a equipe do IV Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais por oportunizar e agregar conhecimento à minha vida!

Muito obrigado!

“O real não está na saída nem na chegada:  
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

João Guimarães Rosa

## RESUMO

Arte é de grande importância na educação escolar e contribui de forma efetiva na formação social e cultural do aluno. Desperta no educando uma sensibilidade poética, bem como seu potencial de criação. A proposta desta pesquisa é abrir espaço para discutir a importância da educação em Arte nas escolas, fazendo um paralelo entre o fornecimento da disciplina durante os anos do regime militar (1964-1985) no Brasil, quando passou a fazer parte do ensino regular, e os impasses e desafios encontrados nos dias atuais. Espera-se como resultado deste estudo levantar questionamentos e respostas à valorização de Arte nos currículos educacionais, assim como maior a atenção aos seus professores e condições para melhor instrumentalizá-los em suas aulas. A base deste trabalho foi direcionada a um estudo de caso realizado com uma turma de ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos e teve como pano de fundo as ilustrações de Dom Quixote feitas por Cândido Portinari.

**Palavras-chave:** Artes – Sensibilidade - Desenho - Poesia



## ABSTRACT

Art is of great importance in education and contributes effectively in social and cultural education of the student . Awake in educating a poetic sensibility, as well as its potential to create. The purpose of this research is to make room to discuss the importance of art education in schools, making a parallel between the supply of the discipline during the years of military rule (1964-1985) in Brazil, when it became part of mainstream education, and deadlocks and challenges encountered today. The expected result of this study raise questions and answers to the appreciation of art in educational curricula, as well as greater attention to their teachers and to better conditions instrumentalize them in their classes . The basis of this work was directed to a case study conducted with a group of elementary school of the Adult Education and scored as background illustrations of Don Quixote made by Candido Portinari.

Keywords : Arts - Sensitivity - Drawing - Poetry

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Pintura a óleo / tela 29.5 X 21 cm (I) Brodowski, São Paulo, Brasil ....	19
Imagem 02 - Retrato do Escultor Paulo Mazzucchelli - Pintura a óleo / tela .....	21
Imagem 03 - Criança morta - Série Retirantes - Painel a óleo/tela .....	21
Imagem 04 - Mulher Ajoelhada com Filho Morto - ONU, Guerra e Paz (painéis).....	22
Imagem 05 - Retrato de Drummond. 1940. Desenho a sépia e a pincel seco .....	23
Imagem 06 - Retrato de Maria Julieta D. de Andrade. 1939. Pintura a óleo tela.....	23
Imagem 07 - Dom Quixote de Cócoras com Ideias Delirantes. Desenho a lápis de cor / papel.....	25
Imagem 08 - Dom Quixote e Sancho Pança Saindo para Suas Aventuras. Desenho a lápis de cor / cartão .....	27
Imagem 09 - Os alunos reproduzindo as cenas de Dom Quixote, a partir das ilustrações de Portinari .....	29
Imagem 10 - Detalhe, aluna Aparecida Domingos Silva desenhando Dom Quixote.	30
Imagem 11 - A aluna entinta a uma base com uso de um rolo, espalhando homogeneamente a tinta a óleo .....	30
Imagem 12 - Detalhe: A aluna Geralda faz aplicação da tinta em seu desenho .....	30
Imagem 13 - A aluna Valmira Eunice apresenta o resultado dos seus trabalhos com uma gravura autoral e outra reproduzindo a ilustração Sancho Pança de Portinari..	31
Imagem 14 - Gravura de Dom Quixote feita pela aluna Valceny.....	31
Imagem 15 - A turma do 2º Período da EJA em frente ao Cine Brasil Vallourec .....	32
Imagem 16 - Turma em visita aos painéis monumentais Guerra e Paz .....	32
Imagem 17 - Em detalhe, as alunas Valmira e Valceny apreciam objetos pessoais usados por Portinari em seu processo de criação.....	32
Imagem 18 - A turma participa de visita guiada e conhecem os processos de criação adotados por Portinari em Guerra e Paz .....	33
Imagem 19 - A turma na exposição, apreciando imagens das obras de Portinari.....	33
Imagem 20 - Criação dos painéis para a exposição.....	34
Imagem 21 - Em destaque, o aluno Júlio César monta um painel. ....	34
Imagem 22 - Professores, direção e alunos apreciando a exposição.. ..	35
Imagem 23 - Professores, direção e alunos apreciando a exposição.. ..	35

## **LISTA DE SIGLAS**

CBC – Currículo Básico Comum

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENBA – Escola Nacional de Belas Artes

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PABAAE – Programa de Assistência Brasileiro-Americana à Educação Elementar

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

Introdução .....	13
1. Um breve relato do ensino de Arte no Brasil.....	16
2. Portinari e Drummond: Uma nova experiência no ensino de Artes.....	21
2.1 O encontro do pintor e do poeta, a partir da obra Dom Quixote .....	26
2.2 O Quixote de Portinari .....	29
3. Oficina de desenho e monotipia para a turma de ensino médio da EJA .....	31
3.1 Desenhando Dom Quixote.....	29
3.2 Criando gravuras .....	32
3.3 Trabalho de campo: Visita a exposição dos Painéis Guerra e Paz.....	33
3.4 Resultado dos trabalhos .....	36
Considerações finais .....	39
Referências .....	41

## INTRODUÇÃO

Vivenciar arte é primordial para que o aluno possa despertar sua sensibilidade e compreender o mundo aos olhos da poesia. É experimentar e potencializar seu conhecimento a partir de uma gama de possibilidades que proporcionam a construção de um cidadão crítico e transformador. A história recente do Brasil apresenta uma educação em que o sistema de ensino ficou engessado por um grupo político, durante o regime militar de 1964/86, que priorizava interesses internacionais, em se formar técnicos para atender a mão de obra de multinacionais que chegavam ao País. Com isso, a disciplina de Artes ficava aquém de sua real valorização, em que compunha um espaço na grade curricular de forma a cobrir espaços de outras disciplinas que, mesmo com sua importância, ocupavam um tempo bem maior no conteúdo educacional vigente. A falta de atenção para investir em disciplinas voltadas para aguçar a sensibilidade humana, como no caso Artes, contrapondo a uma *overdose* de matérias de cunho técnico, predomina até os dias atuais. Neste sentido, a arte educadora Ana Mae Barbosa destaca que a situação pouco mudou, pois ainda predomina nas salas de aula:

O ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 e 1973 (BARBOSA, 2009, p.12).

Mesmo com a promulgação de uma nova legislação educacional, a LDB9394/96, e com as oportunidades oferecidas à formação de artistas e docentes para atuar no ensino de Artes Visuais, nota-se, no ambiente escolar, uma separação entre o que é arte para uma elite e o que é oportunizado para a massa populacional nas escolas.

Como forma de desenvolver esta escrita, será realizada uma investigação, a partir da aplicação de um plano de aulas, que terá como princípio apresentar aos alunos do 2º período do ensino médio do EJA - Educação de Jovens e Adultos, da Escola Estadual Dr. José de Grisolia, a obra de Cândido Portinari, a partir da seleção de gravuras de D. Quixote, como também instigá-los para uma criação artística autônoma, tendo como referência poemas selecionados do poeta Carlos Drummond de Andrade.

A turma selecionada para esta pesquisa é formada por pessoas adultas, com idade superior a quarenta anos e que retomaram os estudos como forma de agregar saber a uma vida. Grande parte destes alunos, durante a infância, não tiveram acesso às aulas de Arte nas séries iniciais do fundamental, e quase nenhum acesso a outra forma de desenho que não restringisse a temas sazonais como Carnaval, Páscoa e Natal. Este argumento é reforçado pela aluna Valmira<sup>1</sup> que faz seguinte relato: “Quando eu estudava, não tinha arte. Nós tínhamos aulas de desenho, coloríamos, recortava os desenhos e colocávamos no caderno.” Mesmo agora, durante o curso do ensino médio, esta turma ficou meses sem o fornecimento da disciplina, devido à falta de professor. Em conversa com outros professores da rede estadual de ensino, pode se constatar que, recebendo pouco mais que um salário, o professor sente a necessidade de procurar outros trabalhos e, em alguns casos, pedir uma licença do seu cargo no Governo do Estado de Minas para ocupar outras frentes que pagam mais e com melhor qualidade de serviço. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais em Artes esclarecem que “a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referência a cada momento, ser flexível.” (PCN – ARTES, 2000, p.21)

É preciso pensar não só o aluno, como também o professor como um dos principais atores no processo de ensino e aprendizagem. Pois suas ações, se bem conduzidas, promovem em seus alunos a percepção para apreciação da arte e incentivo para a produção artística de seus alunos. Neste sentido, o educador Paulo Freire afirma que:

Mulheres e homens somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao riso e à aventura do espírito. (FREIRE,1996, p.69)

Portanto, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar a importância de um melhor investimento no Ensino de Artes Visuais, nas grades curriculares, como forma de oportunizar uma educação mais significativa para todos. Serve também como foco a sensibilização do aluno para o fazer artístico, tendo

---

<sup>1</sup> Valmira Eunice Neves Veríssimo, 44 anos, aluna do 2º período do Ensino Fundamental da EJA, da E.E. Dr. José de Grisolia.

como consequência deste ato, a formação de um cidadão consciente do seu meio e atento às situações sociais. Este pensamento é reforçado por Barbosa quando relata que:

A escola seria o lugar em que poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (BARBOSA, 2009, P.34)

Assim, escrever sobre a valorização do ensino de Artes nas escolas e sua função na formação de um cidadão crítico e sensível à Arte vai ao encontro com a proposta de Barbosa que visiona uma educação plural, democrática e livre de, como ela mesmo trata, um *apartheid* cultural. É de acordo com este pensamento que se pode dimensionar a formação de um indivíduo que tenha, no ambiente escolar, a oportunidade para construir um saber artístico que seja livre para criar e recriar, potencializando seus sentidos para, como destaca a arte-educadora Ana Mae em sua abordagem triangular.

## **1. Um breve relato do ensino de Arte no Brasil**

Delinear um histórico do Ensino de Arte no Brasil é percorrer por séculos de resistências e tentativas de fomentar e estruturar uma arte que, mesmo adquirindo

novos conceitos no decorrer dos tempos, se viu subjugada por interesses políticos e gestões públicas educacionais deficitárias. O Brasil, desde seu descobrimento atraía olhares para a arte. Durante o reinado de D. João VI, muitos artistas famosos recusaram posições importantes nas escolas de artes da Europa para investir e se aventurar pelas terras do novo mundo. Com isso, os investimentos na educação artística, pela Coroa, foram significativos. Destacam-se, neste momento, o Decreto-Lei de 1816, que instituía a Academia Imperial de Belas-Artes e, posteriormente, a chegada da Missão Artística Francesa: um grupo de artistas e artífices, que vieram para o Brasil com intuito de criar um sistema de ensino superior dentro dos moldes neoclassicistas, na época, um novo movimento que já impregnava toda Europa. Contudo, mesmo com esta atenção voltada para a educação artística, frente aos embates culturais e da resistência para aceitação de um novo movimento que ascendia em terras brasileiras, foi apenas com o advento da República, no século XX, que o ensino de arte chegou às escolas como disciplina de ensino regular.

Apesar de ser conduzido por um modesto progresso e aceitação, o ensino de arte no Brasil, “só agora, e muito lentamente, se vem libertando do acirrado preconceito com a qual a cultura brasileira o cercou durante quase 150 anos que sucederam à sua implantação.” (BARBOSA, 2009, P.15) No período da década de cinquenta, o Brasil apresentava altos índices de evasão e repetência escolar. Havia também um número considerável de professores que, com pouca ou sem nenhuma formação consistente, aplicavam aulas e utilizavam materiais didáticos que não somavam ao processo de aprendizagem. Diante deste cenário, o Governo criou em 1956 o Programa de Assistência Brasileiro-Americana à Educação Elementar, o (PABAE), que tinha como propósito preparar educadores que pudessem organizar materiais didáticos a serem utilizados no treinamento de professores. De acordo com Macedo:

A nova especialização visava, de certo modo, a aumentar o controle sobre o processo de elaborar e implementar currículos, de modo a harmonizá-los com os contextos socioeconômico e político do país. Desejava-se um currículo que contribuísse para a coesão social, que formasse o cidadão de um mundo em mudança e que atendesse às necessidades da ordem industrial emergente. (MACEDO, 2011, p.16)

A proposta do PABAE era, portanto, capacitar os professores, bem como instrumentalizar os supervisores para atuarem juntos, em uma ação qualificada na aplicação dos currículos escolares. Contudo, esta assistência técnica norte-



americana ao ensino brasileiro causou um debate de resistência na sociedade, pois a presença estrangeira, na cooperação para a condução da educação brasileira, levantava preocupação pelos preceitos culturais que poderiam se caracterizar nas pesquisas sobre educação no Brasil. De fato, como consequência da condução do ensino, a partir de então, o governo investiu na formação de cidadãos que atendessem as necessidades das novas tecnologias que chegavam ao Brasil. Essa, portanto, “foi uma maneira de proporcionar mão-de-obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram grande poder econômico no país sob o regime da ditadura militar (1964 a 1983)”. (BARBOSA, 2009, p.9). A educação brasileira então se limitou a uma legislação educacional, a LDB n. 5692/71, com características puramente tecnicistas, que encaminhava o estudante para uma educação de cunho profissionalizante e sem nenhum vínculo humanista. É importante ressaltar também que este período redesenhou a estruturação da disciplina de arte, pois segundo (MACEDO, 2011, p.40) a LDB n. 5692/71:

instituiu a polivalência, reunindo numa só disciplina, a Educação Artística, as atividades de artes plásticas, música e artes cênicas (teatro e dança). Com esses fundamentos, pautados na superficialidade e sem foco no conhecimento, a arte entrou para o currículo obrigatório no Ensino Fundamental.

Em relação ao ensino de artes, naquele momento, a atenção era voltada apenas para os cursos que formavam professores de desenho, com ênfase ao desenho geométrico. O impacto desta ação predomina até os dias atuais, em que vemos aulas de artes que abordam, segundo BARBOSA:

temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 e 1973.” (BARBOSA, 2009, p.13)

Diante deste contexto é possível dimensionar a necessidade de se pensar o ensino a partir de uma ação contínua e libertária, pois, como mostra a história, sempre que a educação esteve sob um regime autoritário, ela sofreu estagnação e perdeu forças, tendo apenas, nos poucos momentos de democratização do país, a possibilidade de ascender e caminhar.

Desde sua inclusão, como matéria regular no ensino brasileiro, Arte não é assimilada, e por que não dizer utilizada, como referencial no despertar da sensibilidade e criatividade do aluno. Nota-se que em diversos momentos da história

educacional do país, Arte teve sua atenção voltada, basicamente, para uma educação tecnicista e quase nada humanista. Apenas durante a promulgação da LDB 9394/96 que, teoricamente, a disciplina ganharia mais espaço e um currículo oferecendo garantias de um aprendizado mais significativo, explorando, nos educandos, suas potencialidades e o ato criador.

Durante o período do ensino fundamental, o aluno experimenta seu potencial cognitivo a partir da sua vivência cultural com o fazer artístico e a análise estética de obras de arte. Esta experiência criadora “depende não apenas da sensibilidade natural e do preparo visual do expectador, mas também de sua bagagem cultural.” (PANOFSKY, 2011, P.36) Assim, esta ação deve envolver a prática no ensino de arte, como forma de despertar a sensibilidade da arte para o aluno e fomentar uma prática pedagógica aos professores, possibilitando um planejamento que promova saberes estéticos e culturais significativos para a formação de um cidadão crítico e sensível à arte.

Seguindo esta linha de pensamento, Barbosa (2001, p. 4) reforça que:

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte apresenta o melhor trabalho do ser humano. Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite da nossa consciência excede o limite das palavras. (BARBOSA, 2001,p.4)

Levando em conta o comprometimento do professor com o ensino de arte, e tomando como referência a educação pública no estado de Minas Gerais, nota-se, por parte do Estado, a falta de interesse em abrir novas vagas para efetivação de professores especializados na docência em Arte. Nota-se também o descaso com a seleção de profissionais para lecionar Arte nas escolas estaduais em regime de contrato por tempo determinado. Atualmente, o quadro de professores não atende à demanda de alunos matriculados, obrigando as escolas a abrirem designações a fim de suprir as vagas abertas por professores que se afastam por licença médica ou em cumprimento de férias. E os candidatam às vagas temporárias de ensino, em muitos casos, não contam com formação na área, possuindo pouco ou nenhum conhecimento didático para assumir as aulas. Este ciclo de contratações causa uma rotatividade de professores que dificulta a aproximação entre professor e aluno, além

de prejudicar o planejamento das aulas que, normalmente, são alteradas ou mesmo adaptadas pelos professores que assumem a disciplina durante o ano letivo.

Outra consideração que merece atenção e que denota a falta de estímulo e preparo docente, está no Conteúdo Básico Comum - CBC de Artes, que agrega uma seleção de temas visando qualificar o ensino de arte na rede pública de Minas Gerais. Trata-se de uma composição de assuntos, organizados em uma tabela usada como referência para a elaboração no planejamento diário das aulas. Seu objetivo é ampliar o campo de conhecimento e as manifestações artísticas dos alunos ao longo de sua formação no ensino fundamental e médio. Contudo, existem impasses que dificultam sua compreensão e o seu bom uso. Entre eles, e por que não dizer um dos principais problemas, está na capacitação do professor frente às orientações do CBC. Em uma pesquisa realizada em 2012 sobre a aplicação e resultados do CBC no estado de Minas, foi relatado que:

Existem situações que dificultam, de fato, o trânsito do CBC de Arte nas escolas de Ensino Médio e a falta de um entendimento mais acurado das relações transversais e interdisciplinares que a arte estabelece e que a proposta curricular em questão possibilita. (BESSA E MENDES, 2012, p.321)

Os autores chegaram a esta conclusão após realizar entrevistas em que os coordenadores das escolas posicionaram quanto a falta de interesse ou mesmo despreparo dos professores para a leitura do CBC e a não capacitação para ministrar alguns conteúdos sugeridos pelo programa. Neste sentido, FREIRE (2007, p.41) destaca que uma das tarefas mais significativa da educação “é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se”. Diante do pensamento de Freire, pode-se constatar a urgência de um diálogo mais próximo entre os coordenadores e professores em relação ao conteúdo oferecido pelo Estado. BESSA E MENDES reforçam esta situação ao relatar que a falta de diálogo:

é prejudicial à operacionalização da proposta pedagógica da escola, que, por sua vez, exige de cada pessoa a busca e o sentido mais profundo da sua presença na escola e do significado de sua ação nela e da própria existência dessa instituição. (BESSA E MENDES ,2012, p.322)

É necessário que o ensino de artes seja bem compreendido e amparado por profissionais que tenham, não só capacitação para o exercício da docência, mas

acima de tudo, o desejo e a sensibilidade artística para o que se propõe. E para isso, é importante que o professor, um dos principais atores da escola, tenha claramente definida a sua postura diante do processo de educação. Neste sentido, Fusari & Ferraz complementam que:

Se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de arte e se mostre significativa na vida das crianças e jovens.( FUSARI & FERRAZ,1999, p.15)

Desta forma, nota-se que a associação entre o plano diário do professor e o CBC, agindo em harmonia no desenvolvimento de suas aulas, contribuem para a experiência do conhecimento, reflexão e o fazer artístico do aluno, proporcionando assim para uma melhor qualidade do ensino.

Ao Ensino de Arte deve ser garantida a função integradora e de promoção para uma inclusão que vá além das teorias e do que rege a legislação brasileira, pois de acordo com Reyli (2010, p.85), “não há grande incentivo para os fazeres e saberes da arte na escola, espaço este que reproduz representações historicamente constituídas na sociedade sobre a arte e os artistas”. O Estado, através das escolas, pode investir em um ensino de Arte mais significativo, com conteúdos que ofereçam mais do que reproduzir e ilustrar festas sazonais e colorir desenhos copiados. Barbosa (2001, p.12) dá ênfase a esta análise quando afirma que “as únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e, no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças.”

Assim, em um contexto geral, a falta de interesse, ou mesmo de capacitação, por parte dos educadores na promoção artística aos seus alunos. Como também, uma melhor gestão educacional que promova um ensino significativo em artes; uma proposta educacional que aguace o olhar do educando para a apreciação e o fazer artístico, tornando-o um cidadão mais crítico e sensível ao seu meio.

## **2. Portinari e Drummond: Uma nova experiência no ensino de Artes.**

De vez em quando umas pessoas me telefonam e dizem: “Mestre, eu daria tudo para trabalhar com o senhor. Não importa o que eu tenha que fazer. Ficarei contente lavando seus pinceis.” Eu vou logo respondendo: “E o senhor pensa que lavar pincéis é fácil?”<sup>2</sup>

Este trecho da coluna que o poeta Drummond dedicou ao amigo Portinari, no Jornal do Brasil, em 1974, retrata com um singular simbolismo a trajetória da formação que levou o pequeno desenhista de Brodowski a se tornar o maior pintor do nosso tempo.



Imagem 1: Auto retrato - Pintura a óleo / tela 29.5 X 21 cm (I)  
Brodowski, São Paulo, Brasil<sup>3</sup>

Nascido em 30 de dezembro de 1903, numa fazenda localizada próximo ao povoado de Brodowski, no interior do estado de São Paulo, Cândido Portinari era filho de imigrantes italianos que, de origem humilde, trabalhavam na lavoura do café. Ainda na infância, com apenas o curso primário, o artista já se destacava pela sua sensibilidade artística quando, aos dez anos, pintou o retrato do maestro Carlos Gomes. Em 1918, passou por Brodowski um grupo itinerante de pintores e escultores italianos que decoravam igrejas de pequenas cidades. Chamado para ajudar, Portinari, acompanhado do amigo Modesto Giordano, participou ativamente das atividades a eles delegadas e “ficava lá trabalhando. Cedo, era o primeiro que chegava lá [...] quase nem ia comer em casa [...]. [Era] doente para aprender a arte de pintor”.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> ANDRADE, C. D. Portinari Falando. JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 26 nov. 1974.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/1/detalhes>

<sup>4</sup> Caderno do professor – Guerra e Paz. Disponível em: [www.guerraepaz.org.br/pdf/caderno\\_do\\_professor.pdf](http://www.guerraepaz.org.br/pdf/caderno_do_professor.pdf) acesso em: 15 set.

Este desejo pela pintura deixou Brodowski ainda mais pequena para Cândido que, decidindo aprimorar seus dons artísticos, muda-se para o Rio de Janeiro.

Saí correndo, tive tempo ainda de apanhar o trem em movimento. A última imagem que me ficou gravada na memória foi a de meu pai, levantara-se para se despedir, ainda posso vê-lo... não teve tempo de me dizer nada.<sup>5</sup>

A necessidade de deixar a família e aventurar-se nos grandes centros urbanos em busca de sua formação marcou a vida e as linhas do artista. No Rio, em meio à efervescência dos movimentos modernistas que já despontavam no Brasil dos anos vinte, Cândido matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), porém sem alcançar sucesso em sua primeira tentativa de ingresso, pois fora “reprovado no concurso para a classe de modelo vivo.” (FABRIS, 1990, p.05) Ainda assim, insiste e, em 1921, é aprovado para o concurso da classe de pintura. É importante analisar este desejo em Portinari pela busca da sua formação no âmbito educacional como forma de aprender e construir um conhecimento acerca de sua arte. Na escola, ele encontra um ambiente marcado por normas rígidas que contradizia com a liberdade dos seus traços, bem como com os pensamentos libertários que nascia entre os artistas naquele momento. Foi neste período, 1922, que o pintor investiu na exposição dos seus trabalhos, enviando suas obras para o Salão Nacional de Belas-Artes, o que, a princípio, passou despercebido pelos olhares críticos; sendo apenas depois, no ano seguinte, aclamado com três prêmios pela pintura do retrato do escultor Paulo Mazzucchelli. (Imagem 2)



Imagem 2: Retrato do Escultor Paulo Mazzucchelli - Pintura a óleo / tela<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Portinari 100 anos, alegorias do Brasil. Disponível em: <http://www.terra.com.br/diversao/portinari/frases.htm> Acesso em: 20 Set.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/1196/detalhes>

Com uma carreira ascendente e reconhecimento no Brasil e no exterior, “Portinari deixou um extraordinário legado de mais de 4.600 obras – murais, afrescos e painéis, pinturas, desenhos e gravuras – que representam uma ampla síntese crítica de todos os aspectos da vida brasileira de seu tempo.” (PORTINARI, 2000, p.370) Com uma produção, versátil e humana, o artista direcionava seu olhar para o valor social da vida e sua inquietude por justiça. Neste sentido, destacam-se os painéis da série *Retirantes*, pintados em 1949 e *Guerra e Paz*, painéis com 14m x 10m cada um, realizados a óleo sobre madeira compensada naval, durante nove meses de trabalho.



Imagem 3: Criança morta - Série Retirantes - Painel a óleo / tela.<sup>7</sup>



Imagem 4: Detalhe - Mulher Ajoelhada com Filho Morto - ONU, Guerra e Paz (painéis).<sup>8</sup>

Foi também o pintor brasileiro a alcançar maior projeção internacional, com:

Três grandes painéis para a Feira Mundial de Nova York (1939), sua exposição individual no MoMa de Nova York (1940), os quatro painéis

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2735/detalhes>

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/3809/detalhes>

para a Biblioteca do Congresso norte-americano, em Washington, a publicação, pela Universidade de Chicago, do primeiro livro sobre sua obra (1941), o impacto da exposição na Galerie Charpentier, em Paris (1946), a exposição itinerante em Israel (1956) e, finalmente, seus monumentais painéis Guerra e Paz para a sede da ONU, em Nova York. (PORTINARI, 2000, p.371)

Cândido Portinari foi um artista que projetou sua arte, tendo como propósito difundir e externar seu olhar inquietante sobre um homem social que clamava por uma vida com mais justiça. Assim como o escritor Miguel de Cervantes, em sua obra Dom Quixote, Portinari também colocou na estrada seus heróis, famílias retirantes que, diferente do cavaleiro da triste figura, deixavam suas terras à força na busca de uma nova vida, enfrentando seus dragões e moinhos de vento: a fome e a miséria.

O poeta Carlos Drummond de Andrade associava, a partir da escrita, suas ideias e anseios por um mundo mais justo assim como as diversas pinturas de Portinari. Para exemplificar, destaca-se “Mãos dadas”, um dos mais emblemáticos poemas em que Drummond clama pela solidariedade humana quando diz:

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,  
os homens presentes, a vida presente.

(ANDRADE, 2010. p.99)

É este um dos principais poemas que revelam em Drummond, um ativista dos direitos humanos assim como foi Portinari em suas obras. Pelas obras destes artistas, percebe-se que seus trabalhos são marcados por uma poética a favor do coletivo e da solidariedade. Este pensamento é reforçado pelo próprio Drummond quando, em 1946, destina a Portinari as seguintes palavras:

“...Foi em você que conseguimos a nossa expressão mais universal, e não apenas pela ressonância, mas pela natureza mesma do seu gênio criador, que ainda que permanecesse ignorado ou negado, nos salvaria para o futuro.” (PORTINARI, 2000, p.371).

O respeito e admiração mútua proporcionaram vários encontros entre o poeta e o artista. Portinari dedicou ao amigo, pinturas de grande singularidade e valor



pessoal, retratando Drummond (Imagem 5) e sua filha, Maria Julieta (Imagem 6) em desenhos e telas pintadas a óleo.

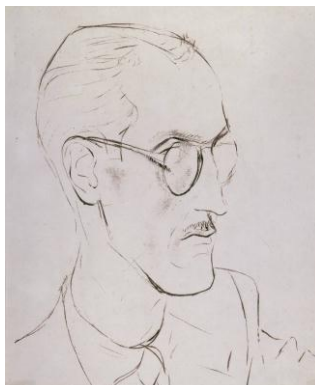


Imagem 5: Retrato de Drummond. 1940. Desenho a sépia e a pincel seco / papel<sup>9</sup>

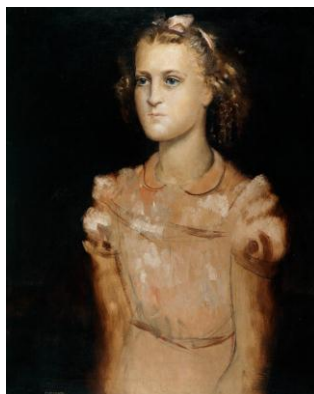


Imagem 6: Retrato de Maria Julieta Drummond de Andrade. 1939. Pintura a óleo / tela<sup>10</sup>

Como forma de agradecer e reforçar este laço de amizade e reconhecimento pela vida e obra de grande valor humanitário, Drummond escreve, em 09 de fevereiro de 1962, como homenagem póstuma, o poema: A mão, em que delinea, em versos, a vida e legado de Portinari, para a arte no mundo:

(...)

Entre o sonho e o cafezal

entre guerra e paz

entre mártires, ofendidos,

músicos, jangadas, pandorgas,

entre os roceiros mecanizados de Israel,

a memória de Giotto e o aroma primeiro do Brasil

(...)

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/1640/detalhes>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2695/detalhes>

Agora há uma verdade sem angústia  
mesmo no estar-angustiado.  
O que era dor é flor, conhecimento  
plástico do mundo.  
E por assim haver disposto o essencial,  
deixando o resto aos doutores de Bizâncio,  
bruscamente se cala  
e voa para nunca-mais  
a mão infinita  
a mão-de-olhos-azuis de Cândido Portinari.  
(ANDRADE, 2009. p.81)

## **2.1: O encontro do pintor e do poeta, a partir da obra Dom Quixote**

A proposta da pesquisa é conceber as possibilidades de ações que permitam um aprendizado mais significativo em Artes, instigando o aluno para uma criação artística autônoma e diversificada, que vá além de temas sazonais e representações propostas em livros didáticos. Para isso, propõe-se, como eixo norteador, a abordagem da obra do pintor Cândido Portinari, em suas vinte e uma ilustrações retratando as histórias de Dom Quixote de La Mancha, e a leitura proposta pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, ao escrever os poemas inspirados em D. Quixote de Portinari.

O encontro destas linguagens artísticas teve início em 1956, quando a Editora José Olympio encomendou uma série de ilustrações de Dom Quixote para Portinari. Sobre este momento, FABRIS relata que:

A primeira edição do livro de Cervantes, com ilustrações de Gustave Doré, havia sido lançada em 1952 pela editora carioca. Em junho de 1953, José Olympio propõe ao artista “um Dom Quixote em versão realmente brasileira, ilustrado pelo grande Portinari. (FRABRIS, 1996, p.27)

O Pintor ficou entusiasmado com o convite, chegando a programar uma viagem à Espanha para conhecer os cenários que inspiraram Cervantes para escrever Dom Quixote, porém, com a saúde já abalada, ele desistiu da viagem e, estando com vários compromissos e trabalhos agendados, entre estes a criação dos painéis Guerra e Paz para a Sede das Nações Unidas, Portinari atrasou na entrega

dos desenhos à Editora. Situação esta justificada em uma carta escrita a Flávio Motta: “(...) Eu tenho trabalhado muito. A Guerra está pronta e um pedaço da Paz. Para descansar estou ilustrando o D. Quixote, o que me tem divertido muito”. (FRABRIS, 1996, p.27)



Figura 7: Dom Quixote de Cócoras com Idéias Delirantes. Desenho a lápis de cor / papel<sup>11</sup>

Foram criadas, ao todo, 22 ilustrações de D. Quixote, entre os anos de 1955 e 1956 e, segundo Fabris, (1996, p.27) não são claros os motivos que levaram o pintor a não entregar à Editora as ilustrações, frustrando o projeto do livro. Certo é que os 21 desenhos, pois um foi roubado durante uma exposição em Paris em março de 1957, foram adquiridos por Raymundo de Castro Maya, pouco após a morte do pintor.

Somente na década de setenta, Drummond criou os poemas específicos, associando-os com as ilustrações feitas por Portinari. Cada poema relaciona com uma ilustração e, ainda que o enredo esteja sincronizado com a leitura dos cartões de Portinari, “o processo de construção desses poemas revela um olhar singular de Drummond sobre o clássico espanhol.” (MARTHA, 2003) Pois o poeta se mostra mais versátil ao concretismo e a uma poesia que joga com uma riqueza de linguagens e a ousadia para o novo:

## I / SONETO DA LOUCURA

A minha casa pobre é rica de quimera

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/1215/detalhes>

e se vou sem destino a tropejar espantos,  
meu nome há de romper as mais nevoentas eras  
tal qual Pentapolim, o rei dos Garamantas.

Rola em minha cabeça o tropel de batalhas  
jamais vistas no chão ou no mar ou no inferno.  
Se da escura cozinha escapa o cheiro de alho,  
o que nele recolho é o olor da glória eterna.

Donzelas a salvar, há milhares na Terra  
e eu parto em meu rocim, corisco, espada, grito,  
o torto endireitando, herói de seda e ferro,

e não durmo, abrasado, e janto apenas nuvens,  
na fêrvida obsessão de que enfim a bendita  
Idade de Ouro e Sol baixe lá das alturas.

(ANDRADE, 2009, p.189)

O resultado deste encontro foi promovido por uma nova proposta editorial que contou com três edições nacionais que envolviam trechos do livro de Cervantes, os desenhos de Portinari e os poemas de Drummond. Destaca-se também a publicação dos poemas no livro *As impurezas do branco*<sup>12</sup>, em 1973, com o título: *Quixote e Sancho*, de Portinari.

## 2.2: O Quixote de Portinari

Escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra, *Dom Quixote* teve como título original “*El ingenioso hidalgo Don Qvixote de La Mancha*”, com sua primeira edição publicada em Madrid no ano de 1605. É composto por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605 e a outra em 1615.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Drummond publica em 1973 “*As impurezas do branco*, Menino antigo: Boitempo II, La bolsa y la vida, em Buenos Aires, e Réunion, em Paris.” Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/drummond/> Acesso em: 22 Set.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dom\\_Quixote](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Quixote) Acesso em: 22 set.

Criados com lápis de cor, os desenhos de D. Quixote são fieis à história escrita por Cervantes e narram, em etapas, momentos especiais das aventuras dos personagens centrais da trama: Dom Quixote, Sancho Pança e o cavalo Rocinante.

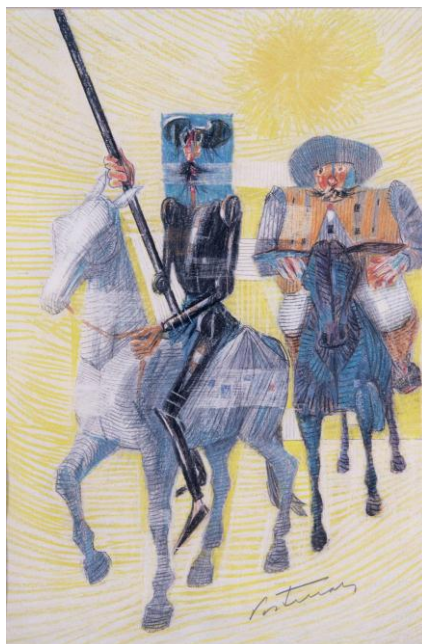


Figura 8: Dom Quixote e Sancho Pança Saíndo para Suas Aventuras. Desenho a lápis de cor / cartão<sup>14</sup>

Fabris descreve a composição artística ao destacar o intenso cromatismo na série na qual predominam amarelos e azuis e “o desenho, não raro, ingênuo em suas simplificações expressivas denotam um outro momento da trajetória artística de Portinari transposta para a interpretação das aventuras do cavaleiro espanhol.” (FRABRIS, 1996, p.27) Deste modo, como destaca a autora, é possível notar nos traços das ilustrações um parentesco com outras obras que foram criadas pelo artista no mesmo período, como:

A primeira Missa no Brasil (1948), na qual o amarelo em vários matizes é a nota dominante da composição, os painéis Guerra e Paz (1952-1956), nos quais predominam azuis e amarelos, alguns desenhos da série Israel (1956) e algumas experiências com abstração geométrica ensaiadas naquele mesmo período. (FRABRIS, 1996, p.27)

Deste modo, a grafia da arte se torna possível de estudo, pois o pintor constrói a história de D. Quixote a partir de um alinhamento simétrico e um jogo de linhas transversais que causa um agradável impacto visual, este definido pelo jogo de cores, elemento principal da obra.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/1219/detalhes> Acesso em: 22 set.

### **3. Oficina de desenho e monotipia para a turma de ensino médio da EJA**

O princípio desta pesquisa foi conceber uma análise, a partir de um relato de experiência, tendo como base de estudo a aplicação da disciplina de Arte na Escola Estadual Dr. José de Grisolia, no município de Itabira. Propõe-se, desta forma, uma investigação com base na elaboração e aplicação de um plano de aulas, que teve por objetivo despertar e instigar os alunos da turma do 2º período do ensino médio da EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Fez-se, então, um enlace entre a vontade de educar com o desejo de aprender e compartilhar experiências. Ações que apresentaram alternativas e que ofereceram aos alunos possibilidades de dialogar com liberdade sobre a obra de Portinari. Segundo Linhares:

“se a arte, mesmo quando monumental, como a de Portinari é cheia de sutilezas, para que ela impregne os circuitos escolares vai precisar, como já mencionamos, desviar-se de esquemas simplificadores que tentarão domesticá-la, dissolvendo seus enigmas, suas perplexidades, seus vazios, seus encantos, com procedimentos didáticos.” (LINHARES, 2010, p.28)

#### **3.1: Desenhando Dom Quixote**

Após um momento de sensibilização para o tema, em que os alunos tiveram acesso a vídeos narrando às histórias do Cavaleiro da triste figura, escrito por Miguel de Cervantes, e a textos com a biografia e principais obras de Portinari, foi proposto a turma a criação de ilustrações de Dom Quixote. Para isso, foi usada uma seleção de imagens feitas por Portinari, em sua série de desenhos “Dom Quixote”, em consonância com os poemas, de Drummond, presentes na obra: As impurezas do Branco.

Os alunos tiveram contato com as ilustrações de Portinari, em cópias feitas por revelação fotográfica, em que puderam reproduzi-las e, também, criar novas imagens a partir de desenhos feitos em papel sulfite 75gm e lápis preto Nº2. (Imagens 9 e 10)



Imagem 9: Os alunos reproduzindo as cenas de Dom Quixote, a partir das ilustrações de Portinari.



Imagem 10: Detalhe, aluna Aparecida Domingos Silva desenhando Dom Quixote.

### 3.2: Criando gravuras

Em um segundo momento, foram dedicadas duas aulas para que a turma transformasse seus desenhos em gravuras a partir do uso da monotipia, método de criação artística feita a partir de pinturas e desenhos construídos ou reproduzidos em uma superfície plana, em que se transfere a imagem como uma cópia única, produzindo assim a gravura.



Imagem 11: A aluna entinta a uma base com uso de um rolo, espalhando homogeneamente a tinta a óleo.





Imagem 12: Detalhe: A aluna Geralda faz aplicação da tinta em seu desenho.



Imagem 13: A aluna Valmira Eunice apresenta o resultado dos seus trabalhos com uma gravura autoral (à esquerda) e outra reproduzindo a ilustração Sancho Pança de Portinari (à direita)

O desenho e o contato com as tintas a óleo, pinceis, papéis em gramaturas e cores diferentes, rolos e outros materiais usados nas aulas, serviram de grande estímulo para o processo de fruição, pois estas intervenções ofereceram aos alunos maior segurança e desenho de criação.

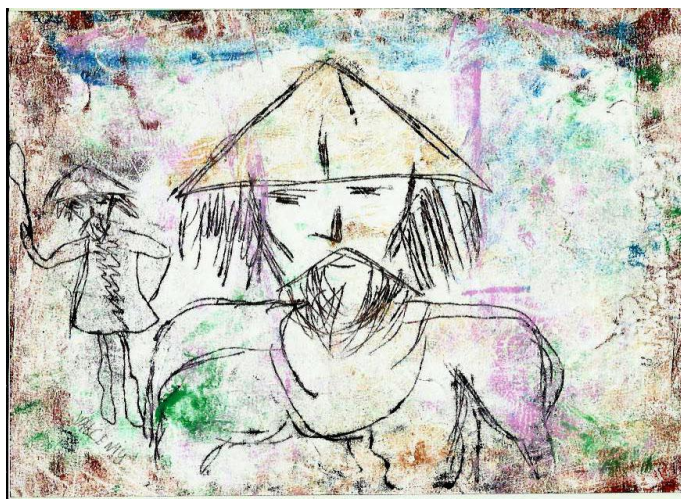


Imagem 14: Gravura de Dom Quixote feita pela aluna Valceny.



### 3.3: Trabalho de campo: Exposição dos Painéis Guerra e Paz

A sequência das atividades se deu com o encontro dos alunos da EJA com a exposição dos painéis monumentais “Guerra e Paz”, de Portinari, que aconteceu durante o mês de novembro na cidade de Belo Horizonte.



Imagem 15: A turma do 2º Período da EJA em frente ao Cine Brasil Vallourec.

Durante o trabalho de campo, os alunos tiveram acesso aos dois painéis e puderam apreciar e associar as cores e linhas traçadas na obra com as ilustrações de Dom Quixote, também feitas por Portinari.



Imagem 16: Turma em visita aos painéis monumentais Guerra e Paz.

A exposição ofereceu aos alunos um encontro não só com os dois painéis monumentais, mas com imagens, desenhos, instrumentos de pinturas usados pelo artista; além de vídeos mostrando todo o processo de criação e restauração da obra.



Imagem 17: Em detalhe, as alunas Valmira e Valceny apreciam objetos pessoais usados por Portinari em seu processo de criação.



Imagem 18: A turma participa de visita guiada e conhecem os processos de criação adotados por Portinari em Guerra e Paz.



Imagem 19: A turma na exposição, apreciando imagens das obras de Portinari

O contato visual proporcionou aos alunos a identificação das obras de Portinari com sua própria criação. Coelho (2010. p.4) relata que as imagens em Portinari, “não se encerram em si, elas fazem parte de todo um conjunto de práticas culturais, de uma sociedade complexa na qual as relações modificam-se diariamente”. Outro ponto relevante neste processo da Oficina foi a iniciativa dos

alunos em visitar a exposição, pois sabendo que a Escola não dispunha de recursos para levá-los, em uma ação conjunta, a turma se dispôs a custear o transporte e alimentação para viajar, de Itabira a Belo Horizonte no ensejo de conhecer mais sobre a obra do artista que, até então, conheciam apenas pelas ilustrações de Dom Quixote e pelos versos do poeta Drummond.

### 3.4: Resultado dos trabalhos

A culminância da Oficina se deu com uma exposição, montada pelos alunos, no pátio da Escola. De forma ordenada e simétrica, os desenhos foram fixados em um ambiente dedicado para exposições de trabalhos, ficando em uma altura equilibrada e confortável aos olhos. Em uma pequena solenidade feita com a presença dos professores, coordenadores e diretores da Escola, os alunos discursaram sobre as etapas do projeto, a comunidade escolar pode ter acesso e conhecer a obra de Candido Portinari a partir das ilustrações e gravuras feitas pelos alunos durante a oficina.

Com uso de papéis color set nas cores preto e vermelho, vidros de cola e tesoura, foram criados quatro painéis com as gravuras de Dom Quixote, feitas em monotipia pelos alunos.



Figura 20: Criação dos painéis para a exposição.





Figura 21: Em destaque, o aluno Júlio César monta um painel.



Imagem 22: Professores, direção e alunos apreciando a exposição.



Imagem 23: Exposição dos trabalhos de ilustração e monotipia feito pelos alunos da EJA

A proposta deste relato de experiência foi de oportunizar aos alunos a construção de um aprendizado significativo em arte. Para isso, foi fundamental ter como base os pensamentos da arte educadora Ana Mae Barbosa que, em sua abordagem triangular, aponta para a importância da leitura da obra, seu contexto e a prática com o fazer artístico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção da pesquisa partiu de uma inquietação e questionamento que faço desde que iniciei meus trabalhos, há sete anos, como professor de arte para turmas de educação infantil, ensino fundamental e médio em escolas da rede particular de ensino. A proposta curricular a qual era submetido resumia a disciplina de arte a um eixo complementar na grade de ensino da escola. Mesmo criando projetos que envolvessem procedimentos teórico-práticos que potencializavam a criação artística dos alunos, a orientação pedagógica direcionava as atividades da educação infantil e do ensino fundamental à reprodução de desenhos e para colorir temas de livros infantis ou datas comemorativas. Já no ensino médio, a proposta da disciplina de arte limitava-se a preparar o aluno para o bom desempenho no Enem, o exame nacional do ensino médio. Ao realizar o estudo de caso desta pesquisa com turmas do ensino médio da EJA, em uma escola gerida pelo Estado de Minas, pude notar que a realidade pouco mudou, pois os estudantes encontram-se estagnados a uma proposta docente restrita ao papel, a carteira e o lápis de cor.

O estudo sobre a obra de Cândido Portinari, em sua série “Dom Quixote”, assim como a contribuição literária de Drummond com os poemas dedicados à série, tiveram como fim despertar o educando para a apreciação artística e instigá-lo para um processo de produção a partir de atividades em arte. Para isso, a turma participou de uma série de procedimentos teóricos e práticos que envolveram estudos e pesquisa sobre vida e obra do artista, atividades práticas de desenho,

montagens de gravuras e uma visita à exposição dos painéis monumentais “Guerra e paz”, no Cine Brasil, em Belo Horizonte.

A realidade educacional, hoje, aponta para uma composição curricular que prima pela teoria e a prática como forma de obtenção de conhecimentos que permitam ao aluno orientar-se em um mundo em constante transformação e mudanças de paradigmas. Neste contexto, o professor de arte apresenta-se como um dos principais atores no despertar da sensibilidade e formação social do seu aluno. E, por isso, cabe ao professor atualizar e inteirar-se dos movimentos que envolvem a arte pelo mundo. É preciso, portanto, potencializar seus conhecimentos e participar de capacitações que permitam constituir novas fontes na construção da sua prática. Por outro lado, não menos importante, está a responsabilidade do Estado em oferecer uma grade curricular que forneça melhor tempo para a prática docente e instrumentos que possibilitem um planejamento de aulas mais significativas. Espera-se, portanto, com este estudo, que o aluno possa desenvolver uma comunicação crítica com o fazer artístico e que alcance, através do enredo proposto, um olhar voltado para a compreensão da arte e seus múltiplos olhares.

Em especial, foi de grande contribuição agregar ao texto autores dedicados ao estudo da arte-educação e que direcionaram a escrita para as possibilidades em se promover no aluno um olhar sensível para a arte, despertando-o para uma vivência artística em que possa experimentar novas sensações e crescer como cidadão, tendo como fim a Arte e o ato criador.

#### 4. REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia – volume 2 –* Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. 1902-1987. *Nova Reunião: 23 livros de poesia –* VI.1. 3ª Ed. Rio de Janeiro, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.  
\_\_\_\_\_, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino de arte: anos 1980 e*  
*novos tempos*. – 7. Ed. Ver. – São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_, Ana Mae. Cunha, Fernanda Pereira da (Orgs.) *Abordagem Triangular*  
*no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. Cortez Editora: São Paulo, 2010.

BRASIL. Constituição, 2006. Disponível em:

[http://www.ancine.gov.br/media/Constituicao\\_Federal\\_EC53.pdf](http://www.ancine.gov.br/media/Constituicao_Federal_EC53.pdf) Acesso em:  
19.abr.2013

BESSA, Pedro Pires ; MENDES, V. . *Conteúdo básico comum: ensino de arte em*  
*escolas públicas estaduais de Belo Horizonte/MG..* Educação em Revista (UFMG.  
Impresso), v. 28, p. 313-342, 2012

COELHO, T. S. *Os Retirantes de Portinari e a questão da seca no Brasil..* In: XIV  
Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio, 2010, Rio de  
Janeiro. Disponível em:

[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742424\\_ARQUIVO\\_Os](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742424_ARQUIVO_Os_RetirantesdePortinarieaquestaodasecanoBrasil.pdf)  
[RetirantesdePortinarieaquestaodasecanoBrasil.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742424_ARQUIVO_Os_RetirantesdePortinarieaquestaodasecanoBrasil.pdf) Acesso em: 08 de set.

FABRIS, A. . *Portinari Leitor..* São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1996 (Catálogo).

FERRAZ, Maria Heloísa C. de *T. Metodologia do Ensino da Arte: fundamentos e proposições* / Maria Heloísa C. de Ferraz, Maria F. de Rezende e Fusari. - 2. Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Editora Paz e Terra, Rio, 1996.

LINHARES, Célia . *PORTINARI: pontes vivas para as aprendizagens escolares*. Aleph (UFF. Online), v. 14, p. 22-29, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/revista14.pdf> Acesso em: 13 set.

MACEDO, J. G. ; PIMENTEL, Lucia Gouvea . *História do Ensino de Artes Visuais no Brasil*. 2011. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Material didático - Vídeo / Coordenação Pedagógica).

MARTHA, A. A. P. . *Drummond e Portinari: leituras do Quixote*. Espéculo (Madrid), Universidade Compl. de Madri, v. 23, 2003. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero23/drummond.html> Acesso em: 13 set.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. Tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *Arte / Secretaria de Educação Fundamental*. – 2. Ed. – Rio de Janeiro, 2000.

PORTINARI, J. C. . *Projeto Portinari. Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n.38, p. 369-400, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n38/v14n38a21.pdf> Acesso em: 01 set.

PORTINARI 100 ANOS, ALEGORIAS DO BRASIL. Disponível em: <http://www.terra.com.br/diversao/portinari/frases.htm> Acesso em: 20 set.